

perdão, com o coração apertado, disse que mudaria, que nunca mais roubaria, que trabalharia, que seria um homem bom, como a criança que um dia fora.

A vida é como receber um pintinho de coração assustado nas mãos. Quando lhe damos uma chance, ele cresce para nos despertar em algum dia de sol...

HISTÓRIA DA LITERATURA CLÁSSICA JAPONESA

ANDREI CUNHA E MEIKO SHIMON

KOBAYASHI ISSA

(1763-1827)

小林一茶

Kobayashi Issa é um dos mais importantes e peculiares autores de haikai de todos os tempos. Seus poemas são de excepcional valor, e se caracterizam pelo olhar afetuoso para com os pequenos animais e os seres fracos ou despossuídos. Bashō e Buson cantam a natureza. Issa fala do sofrimento dos humildes, das dificuldades dos agricultores, das dores privadas. Sua linguagem é acessível, espontânea e livre, usando inclusive a gíria e o dialeto, sem deixar de ser sensível e muitas vezes bem-humorada.

katatsunuri sorosoro nobore Fuji no yama

Suba, caracolzinho.

Devagarzinho, mas suba
o monte Fuji.

yasegaeru makeru na Issa kore ni ari

Ó sapo magricela!

Aguente firme, pois, eu, Issa,
cá estou torcendo.

No poema acima, Issa aparece torcendo pelo sapo mais fraco, em uma disputa de dois machos pela fêmea.

Este poema tem o título de "A mendiga da ponte".

hahaoya wo shimoyoke ni shite neta ko kana

A criança dormiu
fazendo sua mãe de
coberta contra a geada.

A crítica japonesa considera difícil separar a biografia de Issa de sua obra, e ele foi denominado o "poeta da vida cotidiana", devido às escolhas temáticas relacionadas à experiência pessoal. Natural da região de Shinano (atual província de Nagano), Yatari (seu

ANDRÉ KONDO é autor de nove livros, sendo oito premiados, incluindo "O pequeno samurai" (finalista do Prémio Jabuti e M. H. Prémio João-de-Barro), "Contos do Sol Nascente" (Prémio Bunkyo, M.H. Prémio Estera das Letras - Portugal, Prémio ProAC), "Contos do Sol Renascente" (Prémio Humberto de Campos - UBE-RJ) e "Cem pequenas poesias do dia a dia" (Prémio UNIFOR). Pós-graduado pela University of Sydney, Austrália, viajou por mais de sessenta países em busca de inspiração. Recebeu mais de duzentos prémios literários, incluindo o Prémio Especial do Concurso Yoshio Takemoto, possuindo textos publicados também em Portugal e no Japão. Ministra palestras e oficinas de criação literária. Vive de literatura. Site: www.andrekondo.com.

nome de juventude) perdeu a mãe aos três anos de idade. Seu pai se casou de novo quando ele tinha oito anos, e o relacionamento de Issa com a madrasta não era bom. O abandono é um tema recorrente:

ware to kite asobe ya oya no nai suzume

Venham brincar
comigo, pardalzinhos
órfãos!

suzume no ko soko noke soko ouma ga tooru

Filhotes de pardal!
Saíam daí, saíam daí!
O cavalo do senhor vai passar.

Esses dois poemas, muito lembrados pelos leitores japoneses, foram compostos em memória de sua infância, quando ele tinha 54 e 57 anos de idade, respectivamente. No manuscrito do segundo poema, há a anotação "Yatarô, seis anos de idade" ao lado do verso "filhotes de pardal".

Aos quinze anos de idade, os conflitos com a madrasta continuam, e o futuro poeta vai morar em Edo, onde estuda composição de haikai e trabalha como aprendiz na casa de um comerciante. Aos vinte, começou a ser reconhecido como haicasta. No entanto, sem casa nem esposa, dependia da boa vontade de amigos e colegas poetas para ter onde dormir. Foi nessa época que adotou o nome artístico de Issa (que significa "um chá"). O nome faria referência à sua fragilidade, como a da espuma que flutua na superfície do chá.

Aos trinta anos de idade, Issa decidiu imitar seu ídolo Bashô, e saiu em peregrinação pelo interior do Japão por seis anos, passando pelas regiões de Kansai, Shikoku e Kyûshû. Os poemas escritos nessa viagem foram reunidos em uma coletânea.

hatsu yume ni furusato wo mite namida kana

Primeiro sonho do ano:
sonhei com minha terra
e brotaram-me lágrimas.

Issa só voltou a Shinano uma vez, quando tinha 29 anos; no entanto, dez anos depois, seu pai ficou doente e ele voltou à casa paterna para ajudar a cuidar dele. As memórias desse período estão registradas no livro *Chichi no Shûen Nikki* (父の終焉日記, **Os Últimos Dias de meu Pai**), obra frequentemente considerada como precursora do *watakushishôsetsu*. Após a morte do pai, Issa se envolveu numa longa disputa legal pela herança, contra sua madrasta e irmão mais novo.

furusato ya yori mo sawaru mo bara no hana

Minha terra natal!
tudo que encontro ou toco
torna-se rosa selvagem.

Esse poema se refere à surpresa de Issa com o fato de, apesar de ter voltado à terra natal, não haver encontrado ninguém que o acolhesse com gentileza — todos se comportavam como rosas cheias de espinhos.

Em Edo, Issa foi reconhecido como poeta e como mestre de poesia e, ainda que vivendo humildemente, conseguia se sustentar. Aos cinquenta anos de idade, obteve um acordo legal para a partilha dos bens de seu pai, e foi se instalar em Shinano, onde veio a se casar, aos 52 anos, com Kikû, que tinha 28. Com ela, teve dois filhos e duas filhas, mas todos morreram ainda pequenos. Sua esposa também faleceu jovem, aos 37 anos. O poema abaixo foi composto quando sua filha mais velha morreu, com um ano de idade:

tsuyu no yo wa tsuyu no yo nagara sarinagara

O mundo é frágil,
frágil como o orvalho.
Ainda assim...

Trata-se de um haikai de tom intenso e confessional, como se fosse ao mesmo tempo um grito de dor e uma recusa de se deixar abater.

Issa ainda se casou duas vezes: uma, aos 62 anos, vindo a se divorciar depois de pouco tempo; e outra, aos 64. Com a terceira esposa, teve uma filha, ancestral de todos os seus atuais descendentes. Naquele mesmo ano, um incêndio destruiu a casa paterna, onde ele vivia, e ele foi morar no celeiro. Sua esposa faleceu em seguida, e ele também, logo depois, no décimo-primeiro mês de 1827.

Ao final da vida, Issa ainda estava bastante ativo, como poeta e como mestre de haikai, publicando ainda seus dois últimos diários poéticos. Compôs, no total, quase vinte mil haikai. Uma coletânea de seus poemas mais conhecidos foi publicada após sua morte, em 1852. O título, *Ora ga Haru* (おらが春, **Minha Primavera**) é um verso do primeiro poema do livro:

medetasa mo chiguvai nari ora ga haru

A primavera e o ano-novo
são só meio motivo de alegria
na minha casa humilde.

Ainda que o fim do ano e o início da primavera sejam épocas festivas, a alegria não é inteira na casa de alguém sem recursos.

kore ga maa tsui no sumika ka yuki go shaku

Minha última morada
será esta? Uma casa debaixo de
cinco *shaku*¹ de neve.

¹ Um *shaku* equivale a 30,3cm.

Nesse haikai, Issa lamenta que sua vida possa acabar assim, numa casa humilde, debaixo da neve, na solidão e no frio.

usukashi ya shōji no ana no Amanogawa

Que coisa bela!
Vista do buraco do shōji
a Via Láctea.

Podemos comparar esse haikai com um outro de Bahô, muito conhecido:

arumi ya Sado ni yokotou Amanogawa

Turbulento mar!
Estende-se sobre Sado?²
a Via Láctea.

Nesses dois poemas, pode-se observar a diferença de personalidade, concepção estética e visão de mundo dos dois poetas.

NARRATIVAS EM PROSA

仮名草子
Kanazōshi

As narrativas em prosa do início da Era Edo até o início da atividade literária de Ihara Saikaku são denominadas de *kanazōshi*. O termo *kana* significa que no texto é utilizado mais *kana* do que *kami*, e *sōshi* (=zōshi) é um tipo de encadernação. *Kanazōshi* significaria um tipo de narrativa popular e de fácil leitura. Sua principal função era o entretenimento.

As primeiras publicações de *kanazōshi* reúnem obras de autoria de pessoas da classe chamada de *otogishi*³ — poetas de *renga*, médicos e monges budistas que tinham como função entreter seus susseranos. Porém, devido ao desenvolvimento da atividade de editoração e o melhoramento do nível de vida do povo, a classe intelectual (monges e guerreiros) também passa a escrever *kanazōshi*.

No período inicial, a maioria são histórias cômicas e pseudoclassicas. As histórias cômicas visavam provocar o riso simples, denunciar a realidade corrupta dos monges, ou as vezes eram simplesmente piadas obscenas. As pseudoclassicas são paródias de obras famosas do passado, como *O Livro do Travessero* ou *Contos de Ise*. Entre elas, a obra *Nise Monogatari* (仁勢物語, *Contos Falsos de Ise*, século XVII), é altamente valorizada devido à excepcional sensibilidade e qualidade linguística.

² A Ilha de Sado situa-se a 34km da costa do Mar do Japão.

³ *Otogishi* [お伽歌]. Poetas de *renga*, médicos, monges budistas e os demais, que tinham como função entreter seus susseranos

IHARA SAIKAKU

(1642-1693)

井原西鶴

A biografia de Ihara Saikaku não é totalmente conhecida; no entanto, pode-se afirmar que seu *Kōshoku Ichidai Otoko* (好色一代男, *Memórias de um Homem Libertino*) é um marco revolucionário na história da literatura japonesa. Enquanto o *kanazōshi* produzido pela classe intelectual traz, basicamente, ensinamentos moralistas, o universo criado por Saikaku está repleto da vitalidade dos homens de sua época, que procuram desfrutar dos prazeres da vida naquele “mundo flutuante” (*ukiyo*). A partir da entrada dessa obra de Ihara Saikaku no cenário literário, as narrativas passam a ser chamadas de *ukiyozōshi* (“histórias do mundo flutuante”).

Para Saikaku, que era haicaista reconhecido, escrever um romance como *Kōshoku Ichidai Otoko* era apenas um passatempo, mas, devido ao estrondoso sucesso alcançado, passou depois a escrever novas obras sucessivamente, atendendo à solicitação de editores. Um dos motivos do seu sucesso estava no seu estilo narrativo de linguagem acessível e fluente, que provém da prática de compor *haikai*. A natureza e características das obras de Saikaku estão explícitas claramente nesta frase de um prefácio de sua autoria⁴: “O ser humano é um monstro, e tudo é possível no mundo”. Uma mocinha inocente, por causa do amor, torna-se incrivelmente ousada; há mercadores bem-sucedidos que só conquistaram o sucesso através de esforços sobre-humanos.

Saikaku procura retratar a fantástica diversidade da natureza humana — sua terrível potencialidade, que o senso comum não consegue suspeitar que exista. Entre as histórias de *kōshoku*⁵ (“pessoas sensuais”, “libertinas” ou “que se dedicam às paixões”), destaca-se a da jovem incendiária Yaoya Oshichi (volume 4), de *Kōshoku Gonin no Onna* (好色五人女, *Cinco Mulheres que Amavam o Amor*, 1686). *Nanshoku Okagami* (男色大鑑, *O Grande Espelho do Amor Homossexual*, 1687) é uma coletânea de relatos românticos envolvendo samurais ou atores de kabuki e homens mais jovens (uma prática socialmente aceita, na época). Entre as histórias de *chōnin* (habitantes da cidade, incluindo artesãos e comerciantes), as mais importantes são *Nippon Etaijūra* (日本永代蔵, *Depósitos Eternos do Japão*, 1688), que conta tanto o sucesso como o fracasso dos negociantes, mostrando que um e outro andam lado a lado⁶; e *Seiken Mune San'yō* (世間胸算用, *Tudo no mundo funciona à base de cálculo*, 1692), que retrata dramas que se desenrolam no último dia do ano (*ōmisoka*) em torno de dinheiro, narrando de forma divertida a troca de golpes entre credores e devedores⁷.

Após a morte de Saikaku, a moda do *ukiyozōshi* continua por um período aproximado de oitenta anos, durante o qual as grandes editoras contavam com escritores exclusivos e de sucesso, desencadeando uma competição acirrada.

⁴ Prefácio de *Saikaku Shokokubanashi* [西鶴諸国話] (1685), uma série de narrativas curtas, na qual Saikaku reconta histórias fantásticas ou estranhas de diversas regiões.

⁵ *Kōshoku* [好色]. Sensualidade, erotismo, apreciação do sexo.

⁶ Segundo a expressão japonesa *kami hitoe*, isto é, diferença apenas da espessura de uma folha de papel.

⁷ Na Era Edo, podia-se adquirir tudo a fiado durante o ano, mas tinham as dividas no último dia do ano. O emissário da casa de comércio vai à casa do devedor para a cobrança das dividas.

YOMIHON
読本

Chamam-se *yomihon* os livros de histórias que surgem no século XVIII, inspirados em romances populares chineses. O período do *yomihon* se estende até o término da Era Edo. *Ugetsu monogatari* (雨月物語, **Contos da Chuva e da Lua**, 1768) de Ueda Akinari, é a obra máxima do período inicial do *yomihon*.

O *yomihon* do segundo período, ainda sob forte influência dos romances chineses, toma o aspecto de livros volumosos e histórias imensas, de vários volumes. Está calcado no espírito moralista do ensinamento do bem e do castigo ao mal. Três autores que representam esse período são Shikitei Sanba⁸ e Kyokutei Bakin⁹.

A obra mais famosa de Shikitei Sanba é *Ukiyoburo*, em que descreve acontecimentos e anedotas passadas na casa de banhos públicos, tendo por protagonistas pessoas da classe popular. As obras de Bakin são grandiosas, influenciadas pelas epopeias chinesas. A mais famosa é *Nansô Satomi Hakkendan* (南総里見八犬伝, **A Lenda de Oito Cães Heróicos do Clã Satomi**), publicada em diversos volumes entre 1814 e 1842. Nessa obra, desenrolam-se diversos dramas em torno da figura de oito heróis, que levam nos seus sobrenomes o ideograma *inu* [犬, "cão"], e unem suas forças para restaurar o clã Satomi, da região de Nansô.

UEDA AKINARI

上田秋成
(1734-1809)

Ueda Akinari nasceu em Ôsaka. Sua mãe era descendente de camponeses. Seu pai é desconhecido. Foi adotado aos quatro anos de idade por um comerciante rico, Ueda Mousuke (que se especula também ser seu pai legítimo). Quando criança, teve varíola, o que lhe causou uma deformação nos dedos da mão. Estudou em uma boa escola da cidade. Teve formação clássica sólida: leu Confúcio, Mencio, o **Livro das Mutações**¹⁰, as coletâneas poéticas imperiais, o *Ise Monogatari* e **O Romance do Genji**.

Foi importante haicaiista em sua época (hoje em dia, seus haikai são menos valorizados do que sua prosa). Escreveu um livro sobre *kireji* e conheceu Yosa Buson. Estudioso do *kokugaku*, foi adversário intelectual de Motoori Norinaga — Motoori fazia uma interpretação mais literal dos textos clássicos; Ueda era mais hermenêutico. Foi médico entre 1771 e 1787, desistindo após a morte de um paciente. Dedicou-se então exclusivamente ao estudo e aos livros.

Ueda Akinari considerava-se um *buinjin*¹¹. Não pertencia nem à aristocracia nem à classe militar, e adotava uma posição autônoma diante da sociedade. Os *buinjin* escreviam para

⁸ Shikitei Sanba [式亭三馬] (1776-1822).

⁹ Kyokutei Bakin [曲亭馬琴] (1767-1848).

¹⁰ Livro das Mutações [易經, em japonês, *Eikiryô*; em chinês, *Yi Jing* ou *I Ching*].

¹¹ *Buinjin* [文人], "Intelectual".

seu próprio deleite (e não para vender livros), e tinham como público-alvo o leitor culto e de alto nível intelectual.

Suas primeiras obras em prosa foram *ukiyozôshi*. Em seguida, dedicou-se ao estudo especializado da alta literatura japonesa. Publicou aprofundados tratados sobre o *Ise Monogatari*, o *Man'yôshû* e o *Kokin Wakashû*. Escreveu também miscelâneas de histórias, manuais de poesia, e um tratado sobre o caminho do chá¹².

Seu livro **Contos da Chuva e da Lua** (雨月物語, *Ugetsu Monogatari*, 1776) é hoje considerado, juntamente com **O Romance do Genji** e as narrativas de Ihara Saikaku, como uma das melhores obras de prosa de ficção da literatura japonesa do período clássico e pré-moderno. Isso se deve sobretudo à qualidade do estilo e à requintada intertextualidade do livro, que faz alusões aos principais clássicos da literatura japonesa e chinesa conhecida na época. É também considerado o melhor exemplo da literatura fantástica japonesa.

Em 1809, publicou seu último livro de contos, *Harusame Monogatari* (春雨物語, **Contos da Chuva de Primavera**). Morreu no mesmo ano, em sua casa, em Quioto. Tinha 76 anos.

UGETSU MONOGATARI

雨月物語

Contos da Chuva e da Lua

Contos da Chuva e da Lua (雨月物語, *Ugetsu Monogatari*) é um livro formado por nove contos de teor fantástico, e foi publicado em Quioto e Ôsaka, em 1776.

A junção de três importantes influências pode ser verificada em **Contos da Chuva e da Lua**. Em primeiro lugar, encontramos releituras de contos chineses vernáculos (por exemplo, em "Morada das Sargas" e "A Volúpia da Serpente"). Presentes estão também alusões aos clássicos poéticos japoneses e a **O Romance do Genji**. Por último, devemos citar também as referências do autor aos contos populares japoneses (*ukiyozôshi* e o *Konjaku Monogatari-shû*). Uma quarta influência, importantíssima, é o teatro nô, cujas peças são muitas vezes histórias de fantasmas.

O título é uma referência ao seguinte trecho do "Prefácio" da obra, escrito em chinês:

Ao final da primavera do ano 5 do Período Meiwa [1768], em uma noite de lua vaga após a chuva¹³, eu escrevi estas linhas à janela, e as envio agora ao livreiro.

Chuva e lua são importantes imagens na literatura japonesa. São associadas ao vago, ao ambíguo, ao feminino, e à transição entre o mundo da realidade e do sonho. Quando juntas, referem-se ao sobrenatural (por exemplo, na primeira aparição da serpente em "A Volúpia da Serpente"). Seres de outro mundo se manifestam em "noites de lua vaga após a chuva". O

¹² Não sobre o *sadô* (茶道), o caminho do chá mais conhecido, mas sobre o *senchadô* (煎茶道), uma variante com maior influência do continente.

¹³ A "lua vaga após a chuva" é associada ao fim da primavera em diversos países da Ásia, e é uma imagem muito utilizada na literatura clássica do Japão.

título faz também referência a uma personagem de **O Romance do Genji**, Oborozukiyo ("noite de lua vaga").

O livro está dividido em cinco tomos, sendo que o quarto tomo contém apenas um conto, o mais longo do livro. Os textos se passam no Japão, tanto no período contemporâneo ao autor quanto em épocas mais antigas, possuindo várias referências a personagens e acontecimentos históricos da China e do Japão.

ESTRUTURA E CONTEÚDO DE UGETSU MONOGATARI

Prefácio (序, Jo)

Afirma humildemente que o livro que o autor está apresentando não se pode comparar às grandes obras do passado e implicitamente reivindica para si a tradição da prosa clássica japonesa e chinesa.

Primeiro tomo

Shiramine (白峯, *Shiramine*)

Shiramine é uma montanha em Shikoku. O imperador Sutoku foi exilado nessa região, onde morreu. Saigyô, monge e poeta, que havia servido ao imperador quando jovem, vai a Shiramine em peregrinação, para visitar o mausoléu do imperador. Durante a noite, enquanto Saigyô faz uma prece, o espírito de Sutoku se manifesta, na forma de um tengu medonho, que prevê a queda dos Heike. Saigyô fica com pena do espírito atormentado, e compõe um poema para apaziguá-lo. O espírito se acalma e desaparece no momento do nascer do sol.

O Pacto do Crisântemo (菊花の約, *Kikka no Chigiri*)

Um homem não pode ir à casa de seu amigo, conforme havia prometido, porque está preso. O prisioneiro se mata para que seu fantasma possa ir encontrar o amigo.

Segundo tomo

A Morada das Sarcas (浅茅が宿, *Asaji ga Yado*)

Um homem vai a Quioto em busca de fortuna. Sua fiel esposa aguarda seu retorno, mas os anos se passam e ele não aparece. Impedido de voltar, o homem passa por inúmeras dificuldades, doenças e contratempos. Voltando à casa sete anos depois, encontra sua esposa esperando. Eles passam a noite juntos, mas pela manhã ela não está lá, e a casa que na véspera parecia em bom estado é na verdade uma ruína. Os vizinhos aparecem e contam que a mulher morrera há algum tempo, mas que permanecera fiel a ele até o fim.

A Carpa do Sonho (夢忘の鯉魚, *Muô no Rigyo*)

Um monge, famoso por seus desenhos de carpas, adoece e morre. Três dias depois, ressuscita e conta a mais incrível história. Desesperado de calor e febre, ele fora até a beira de um lago, onde ficara observando com inveja as carpas nadando na água fresca. O deus do lago apareceu, e o transmudou em carpa. Depois de algum tempo dentro d'água, o monge ficou com fome, e acabou morrendo a isca de um anzol. Foi vendido pelo pescador e estava prestes a ser cortado a faca, quando deu um grito tão lancinante de pavor que se acordou do sonho em que estava preso.

Terceiro tomo

Buppôso (仏法僧, *Buppôso*)

Há um pássaro (*Eurystomus orientalis*) que canta à noite e cujo canto lembra a palavra *buppôso*, referência às "três joias" do budismo: o Buda, o *dharma* (a lei budista) e o *sangha* (a comunidade dos budistas). Um homem vai em peregrinação ao monte Kôya, e no meio da noite, depois de ouvir o canto do *buppôso*, é testemunha de um encontro de fantasmas.

O Caldeirão de Kibitsu (吉備津の釜, *Kibitsu no Kama*)

Refere-se ao caldeirão, usado como oráculo, no Santuário de Kibitsu, em Okayama. O caldeirão prevê que um jovem casal não terá uma vida feliz. De fato, o jovem marido abandona a mulher e foge com uma cortesã. A mulher se vinga de seu marido infiel, enviando seu espírito vivo para matar a cortesã. Ao final, o espírito da esposa enganada vem matá-lo também.

Quarto tomo

A Volúpia da Serpente (蛇性の姪, *Jasei no In*)

Um belo jovem é seduzido por um espírito mau que se apresenta na forma de uma bela mulher. Ela leva o homem para viver em um magnífico palácio e lhe dá uma espada que fora roubada de um templo. O homem vai preso por ter sido visto com a espada. Ele decide levar os homens do templo até a casa da mulher encantada, mas em lá chegando encontra apenas um monte de ruínas. O homem se casa de novo, mas o espírito mau se apossa do corpo de sua esposa.

Quinto tomo

O Capelo Índigo (青頭巾, *Aozukin*)

Kaian, um monge budista, salva a alma de outro monge que fora transformado em um ogro. O monge que virou ogro fora apaixonado por um jovem muito bonito, e quando esse moço morreu, o monge perdeu a cabeça — ou, segundo a interpretação budista, ele enlouqueceu porque não soube

controlar seus desejos e se apegou ao mundo físico. O título se refere ao capuz azul que Kaian tira para pôr na cabeça do monge louco para acalmá-lo.

O Espírito do Dinheiro (貨福論, *Hinpukuron*)

Oka no Sanai, um samurai vassalo de Gamô Ujisato, conversa com o espírito do ouro.

Ugetsu Monogatari teve profundo impacto sobre a literatura e outras artes do século XX: Mishima Yukio, Tanizaki Jun'ichirô, Akutagawa Ryûnosuke, Murakami Haruki e muitos outros autores contemporâneos citam essa obra de Ueda Akinari como uma importante referência. Dois dos contos deste livro serviram igualmente de base para o filme **Contos da Lua Vaga**, de Mizoguchi Kenji, considerado em inúmeras retrospectivas como um dos melhores filmes de todos os tempos.¹⁴

ANDREI CUNHA é tradutor público juramentado e intérprete comercial de japonês, professor assistente de literatura japonesa do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre, Brasil) e doutorando em literatura comparada na mesma instituição. É bacharel em direito japonês e mestre em relações internacionais pela Universidade Hitotsubashi (Kunitachi, Tóquio, Japão). Sua mais recente tradução publicada é O castelo de Yodo, de Inoue Yasushi, pela Editora Estação Liberdade (2013).

MEIKO SHIMON é professora assistente aposentada de Língua, Tradução e Literatura Japonesa da UFRGS. Traduziu, entre outras obras, Contos da palma da mão, O mestre de go, A gangue escarlate de Asakusa, todos de Yasunari Kawabata, e Trilhas longínquas de Oku, de Matsuo Bashô.

¹⁴ *Contos da Lua Vaga* [雨月物語, *Ugetsu Monogatari*] (1953). Leão de Ouro no Festival de Cinema de Veneza em 1954. De Mizoguchi Kenji [溝口健二] (1898-1956). O filme de Mizoguchi faz uso de duas das histórias do livro ("A Morada das Sarcas" e "A Volúpia da Serpente"); no entanto, trata-se de uma adaptação livre, com consideráveis alterações em relação aos dois contos.